

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIANA LIE OSHIRO SOARES

**REPENSANDO A CULTURA DA VIOLÊNCIA PELA  
COMUNICAÇÃO EM SALA DE AULA**

JOÃO PESSOA  
2017

MARIANA LIE OSHIRO SOARES

**REPENSANDO A CULTURA DA VIOLÊNCIA PELA  
COMUNICAÇÃO EM SALA DE AULA**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

**Orientador:** Prof. Dr. Matheus Cruz e Zica

JOÃO PESSOA

2017

S676r Soares, Mariana Lie Oshiro.

Repensando a cultura da violência pela comunicação em sala de aula / Mariana Lie Oshiro Soares. – João Pessoa: UFPB, 2017.  
30f.

Orientador: Matheus Cruz e Zica  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Escola. 2. Comunicação. 3. Violência. I. Título.

UFPB/CE/BS  
37.017.4(043.2)

CDU:

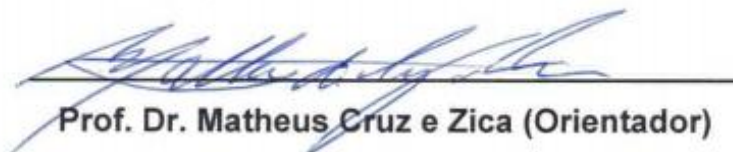
MARIANA LIE OSHIRO SOARES

**REPENSANDO A CULTURA DA VIOLÊNCIA NA  
COMUNICAÇÃO EM SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Pedagogia da Universidade Federal da  
Paraíba, como requisito para obtenção do título de  
Licenciatura em Pedagogia.

**Aprovada em: 05/12/2017.**

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof. Dr. Matheus Cruz e Zica (Orientador)**

**Universidade Federal da Paraíba (DCR/UFPB)**



---

**Prof. Dr. Edson Carvalho Guedes (Examinador)**

**Universidade Federal da Paraíba (DFE/UFPB)**



---

**Prof. Dr. Fernando Cezar Bezerra de Andrade (Examinador)**

**Universidade Federal da Paraíba (DFE/UFPB)**

Dedico aos meus pais que, com muita ternura e paciência, me fortaleceram em momentos turbulentos e não mediram esforços para que eu concluísse esta etapa da minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente aos meus pais, por acreditarem tanto nos meus sonhos e jamais me deixarem desistir.

Agradeço ao meu irmão, um exemplo incansável para aperfeiçoamento profissional e pessoal.

A todos que cruzei nessa caminhada e me inspiraram, consciente ou inconscientemente, a seguir na profissão escolhida e só aumentaram minha admiração e entusiasmo para seguir carreira.

Agradeço ao meu amado companheiro pelo incentivo nas horas de desânimo e cansaço, pelo apoio incondicional e pela conexão que me motiva sempre a buscar o meu melhor.

## RESUMO

A comunicação usada na maior parte das sociedades atuais baseia-se em técnicas comunicativas de hierarquia fundamentadas em méritos de recompensa ou punição. Na esfera escolar, esse tipo de comunicação acarreta em inúmeros problemas a todos os personagens desse ambiente. O presente trabalho explora alguns desses problemas e apresenta um estudo de método comunicativo como possível solução. Há o objetivo principal de analisar alguns casos de violência verbal presenciados por estudantes, à luz da Cultura da Violência e da Comunicação Não Violenta. A metodologia foi de pesquisa do tipo qualitativa, com entrevistas semi estruturadas a seis estudantes de pedagogia da Universidade Federal da Paraíba. A análise dos casos evidenciou violência verbal em três tipos de relação escolar: na relação entre os alunos, na relação do aluno para com seu professor e na relação do professor para com seus alunos. Juntamente com explicações e exemplos da técnica apresentada, a mesma análise confirma esta última como possibilidade de transformação e resolução dos conflitos. Ambos os estudos, empíricos e bibliográficos, ressaltam a diferença que o modo de se comunicar traz à escola e todo o seu entorno.

**Palavras chave:** Ambiente Escolar; Comunicação; Violência.

## **ABSTRACT**

The communication used in most contemporary societies is based on communicative techniques of hierarchy based on merits of reward or punishment. In the school sphere, this type of communication brings in numerous problems to all the characters of this environment. The present work explores some of these problems and presents a study of communicative method as a possible solution. There is the main objective of analyzing some cases of verbal violence witnessed by students, in the light of the Culture of Violence and Nonviolent Communication. The methodology was qualitative research, with semi structured interviews with six pedagogy students from the Federal University of Paraíba. The analysis of the cases evidenced verbal violence in three types of school relations: in the relationship between students, in the relation of the student to his teacher and in the relation of the teacher to his students. Together with explanations and examples of the presented technique, the same analysis confirms the latter as a possibility of transformation and resolution of conflicts. Both studies, empirical and bibliographical, highlight the difference that the way of communicating brings to the school and all its surroundings.

**Key words:** School Environment; Communication; Violence.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CNV	Comunicação Não-Violenta
AE1	Aluna entrevistada nº1
AE2	Aluna entrevistada nº2
AE3	Aluna entrevistada nº3
AE4	Aluna entrevistada nº4
AE5	Aluna entrevistada nº5
AE6	Aluna entrevistada nº6

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 CULTURA DA VIOLÊNCIA.....</b>	<b>13</b>
<b>2 A COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA.....</b>	<b>16</b>
<b>3 ANÁLISE DOS RELATOS.....</b>	<b>19</b>
3.1 RELAÇÃO ENTRE ALUNOS.....	19
3.2 RELAÇÃO DO ALUNO PARA COM O PROFESSOR.....	23
3.3 RELAÇÃO DO PROFESSOR PARA COM O ALUNO.....	25
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>30</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como tema: “Repensando a Cultura da Violência na Comunicação em sala de aula”. O impulso para pesquisar a violência verbal em salas de aula se deu devido à troca de relatos durante aulas de estágios supervisionados, do 4º ao 8º período da graduação, entre os anos de 2015 a 2017.

O curso de graduação de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) exige no seu plano de curso cinco estágios obrigatórios. Esses estágios caracterizam-se por visitas semanais a alguma escola municipal ou estadual, tendo a regência variada pela área do estágio realizado e pelo professor orientador desse estágio.

As áreas específicas solicitadas para visitação e acompanhamento são: a da gestão educacional, na qual observa-se a atuação da equipe gestora da escola escolhida; a área da educação infantil, em que escolhe-se uma sala para acompanhar e conduzir algumas atividades com auxílio e supervisionamento da professora da sala; a área do ensino fundamental ciclo I e ciclo II, tendo nos dois as mesmas orientações que o da educação infantil, de acompanhamento e condução de atividades com auxílio e supervisão e; a área de aprofundamento escolhida pelo formando no último período da graduação, sendo suas opções a área de Educação de Jovens e Adultos (EJA) ou de Educação Especial, realizando-se observações e possíveis conduções.

No decurso de cada um dos estágios ocorrem alguns encontros na universidade, com os professores orientadores dos estágios, para compartilhamento das vivências experienciadas nas escolas, feitos em rodas de conversas e debates. Em meio a esse exercício de compartilhar, despertou-me inquietação a abundância de relatos que evidenciavam a violência entre alunos e professores, em especial a violência verbal.

O exame desses relatos que propusemos, a partir da teoria de Marshall Rosenberg da Comunicação Não-Violenta, revela a potência de uma transformação pela empatia na hora de falar e de escutar, e a diferença significativa ela que pode trazer na vida da criança dentro e fora da escola.

A violência na escola tem múltiplas expressões, atingindo a instituição, seu patrimônio, as relações interpessoais que se estabelecem em torno das atividades de ensino e aprendizagem, o desempenho do alunado e do professorado e deteriorando a ambiência escolar (ANDRADE, 2004, p.1).

Em um ambiente escolar, o desenvolvimento da auto observação e do cuidado para com os seus próprios sentimentos e com os dos outros oferece uma transformação valiosa nas crianças. Desenvolver habilidades socioemocionais como autoconhecimento, empatia, cooperação, harmonia e um ambiente agradável com pessoas confiáveis são algumas das mudanças positivas e capazes de ocorrer, visto que avança de uma relação docente - discente para ser humano - ser humano.

O presente trabalho monográfico tem o objetivo de analisar alguns casos de violência verbal presenciados por estudantes do curso de pedagogia da UFPB durante os estágios obrigatórios, à luz da Cultura da Violência e da Comunicação Não Violenta. O estudo organiza-se em três capítulos. No primeiro, informa-se sobre a Cultura da Violência e seu histórico, no capítulo posterior contém a explicação detalhada do estudo da Comunicação Não-Violenta e por último, agrupam-se os relatos e as análises feitas deles.

Para coleta dos casos foram realizadas entrevistas semi estruturadas com seis graduandas do curso de pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), caracterizando a metodologia como pesquisa do tipo qualitativa. Com essa pesquisa, ficou evidente que a violência verbal está presente em três tipos de relação no ambiente escolar, são essas a relação entre os alunos, a relação do aluno com o professor da sala de aula e a relação do professor com os alunos. A partir da análise dos relatos, foi possível também constatar a técnica comunicativa da Comunicação Não Violenta como alternativa para os conflitos tão presentes no ambiente escolar.

## Capítulo 1. Cultura da Violência

É habitual recebermos notícias de violências verbais ou visuais, diversas vezes ao dia. Desde relatos de assassinatos, estupros e sequestros a presenciar assaltos e agressões, com pessoas próximas à nós ou desconhecidos. Brigas entre casais, pais e filhos, torcedores de futebol ou conhecidos em bares acabam em tragédia. Ofender e xingar o outro por uma discussão é algo banal. Há quem diga que essa violência é dos tempos atuais porém, a história revela que fomos modelados na agressividade e no conflito.

Na sociedade colonial, a título de exemplo, em casos de adultério era permitida a morte dos acusados. Linchamentos de julgados eram apoiados e assistidos pela população. Em alguns períodos da história, o Estado já tornou a tortura e a ausência de direitos civis como política oficial, além de rebeliões e movimentos populares serem sempre reprimidos com brutalidade e muita violência por parte dos “que comandam”. Serão os tempos atuais característicos de hostilidade ou resultado de uma "Cultura de Violência"?

No relatório mundial de 2002 sobre violência e saúde, a Organização Mundial da Saúde (OMS) categorizou a violência como algo recorrente na experiência humana e impactante de várias formas em todo o mundo. Destaca-se como eles relatam a violência além do uso da força física, considerando também violentos os atos de ameaça, intimidações, omissões e negligências que resultam de uma relação de poder. No mesmo relatório, a intenção dos atos violentos é classificada como determinadas culturalmente. De acordo com a OMS, a violência é:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (...) Algumas pessoas tentam ferir os outros, mas, com base em seus antecedentes culturais e suas crenças, não percebem seus atos como violentos.  
(ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002).

O relatório citado acima ainda afirma que há possibilidades de evitar e minimizar o impacto da violência, visto que os fatores que contribuem para as

reações violentas, sejam esses sociais, econômicos, políticos ou culturais, podem ser mudados.

Émile Durkheim, famoso sociólogo francês, descreveu a quebra de normas que resulta em mudança cultural, como “anomia”: Shecaira ao tratar do pensamento de Durkheim, explicou o fenômeno de tal maneira:

haverá anomia, compreendida como ausência ou desintegração das normas sociais, sempre que os mecanismos institucionais reguladores do bom gerenciamento da sociedade não estiverem cumprindo seu papel funcional. Vale dizer, as crises decorrem, muitas vezes, do fenômeno da anomia. O crime, por sua vez, é um fenômeno normal de toda a estrutura social. Só deixa de sê-lo, tornando-se preocupante, quando são ultrapassados determinados limites, quando o fenômeno do desvio passa a ser negativo para a existência e o desenvolvimento da estrutura social, seguindo-se um estado de desorganização, no qual todo o sistema de regras de conduta perde valor, enquanto um novo sistema ainda não se firmou (esta é a definição de anomia) (SHECAIRA, 2013).

A anomia descrita por Durkheim expõe o pensamento do sociólogo de que mudanças nos hábitos de uma sociedade, ou seja, na cultura de uma sociedade, são possíveis e, geralmente, acompanham-se de crises.

O médico Freud, em sua obra “O Mal Estar da Civilização”, expressa seu pensamento sobre os atos violentos serem intrínsecos à natureza humana, porém passíveis de aperfeiçoamento dentro de um processo civilizatório: “não somos pacíficos por natureza, civilizar é lidar com a angústia e fazer com que as palavras tenham mais valor que a espada, o revólver ou a estupidez” (FREUD, 1930).

É evidente que os tempos violentos não são uma exclusividade atual e que atos de violência permeiam o cotidiano desde a Antiguidade. Marshall Rosenberg, psicólogo americano, respeitado nome em busca da paz mundial, vivenciou situações quando criança, nas quais testemunhou pessoas que acreditavam ser heróicas punir em violência alguém que, por exemplo, cometesse suposto desvio moral. Também pôde observar outras pessoas que se satisfaziam contribuindo para o bem-estar de outras, logo, perguntou-se como e por que tal diferença coexistia.

Com base em seus estudos e observações realizadas, concluiu uma notável diferença na comunicação dessas pessoas, sendo uma capaz de conectá-las com os próprios valores e poderes e a outra, com força para segregá-las destes e então, obedecer apenas a comandos externos.

Marshall (2006) aprofundou seus estudos para descobrir de onde surgiu a comunicação capaz de afastar as pessoas de si mesmas e chegou à Antiguidade, quando estruturas de dominação surgiram nas sociedades e os que se encontravam no poder começaram a usar uma linguagem que manifestava suas posições privilegiadas e superiores, julgando certo e errado e impondo punições e recompensas. Sendo essas as necessidades expressas na comunicação, aos poucos foi abandonando-se a utilidade de expressar o que se sentia e necessitava.

Nas escolas, nas famílias e nos governos, a linguagem usada é a de julgamentos, a qual incita a obediência de autoridades e aponta o que é bom e ruim em tons de crítica, causando vergonha ou culpa. Quando esses sentimentos são os motivadores da ação, essa não é feita por compaixão e pelo bem-estar próprio ou do outro, colocando grande peso sobre as relações. Ao passo que o peso da punição e da recompensa são sentidos, a pessoa que se sentiu obrigada a fazer algo enxerga no próximo uma fonte de violência. Como consequência, responde violentamente, gerando um ciclo vicioso.

É reconhecível que a mudança não deve ocorrer apenas na comunicação mas no modo de pensar e agir para consigo e com os outros. Para que haja essa comunicação desenvolvida por Rosenberg, focada nas necessidades humanas, ficam estabelecidos quatro passos de um processo: a observação de ações que estão atendendo ou não às necessidades; os sentimentos que essas necessidades causam; a clareza sobre essas necessidades e um pedido para melhor atendê-las, sejam esses feitos a nós mesmos ou aos outros.

Destaca-se que a Comunicação Não-Violenta, proposta por Marshall Rosenberg, é uma das possíveis e eficientes maneiras de estabelecer relacionamentos baseados na empatia, contrapondo-se à Cultura de Violência presente na sociedade.

## Capítulo 2. A Comunicação Não-Violenta

Vivemos em uma sociedade enraizada na Cultura da Guerra. Violências físicas, psicológicas e emocionais são frequentes e banais no cotidiano, o medo e a opressão são constantes. Em consequência, geramos raiva e respondemos sendo violentos.

Segundo Marshall Rosenberg (2006) a violência pode ser externada de maneira sistêmica e/ou individual. A maneira sistêmica a qual ele se refere, remete a uma reprodução de forma habitual de comportamentos e ações que excluem e marginalizam pessoas de uma estrutura social. A individual reporta-se a uma consequência da sistêmica e concerne a comportamentos e estratégias de comunicação que são incorporados e reproduzidos nas relações pessoais e cotidianas.

Dentro do ambiente escolar é possível e muito comum que haja as duas. Essa agressividade pode trazer efeitos desastrosos para os alunos e criar traumas, medos, vergonhas e até estagnação em seu desenvolvimento escolar e integral.

O estudo de Marshall sobre a Comunicação Não-Violenta (CNV) apresenta o objetivo de mudarmos nosso comportamento agressivo para então, mudarmos a crueldade que paira no mundo. Ao obter apropriação desse método para comunicação, são remodelados não apenas a fala, mas o modo de pensar, de agir e de sentir. É um primeiro passo significativo no caminho para uma Cultura da Paz.

Para que a realização dessa prática seja possível, é necessário que tenhamos um olhar mais atento e compreensivo às nossas emoções e que a violência interna seja amenizada e redirecionada, para termos uma fala e uma escuta melhores assimiladas. Ao atentarmos mais às emoções, há uma resposta mais compassiva à nós mesmos e aos outros, assim gerando maior profundidade nos relacionamentos e estes mesmos serem mais eficazes.

O ambiente escolar sistematizado com base na Cultura da Guerra figura um ambiente ameaçador, no qual é arriscado expressar opinião e ser reprimido, compartilhar ideias e ser julgado e externar a individualidade e ser excluído, tornando-se desmotivador.

O estudo da Comunicação Não-Violenta (CNV) diz respeito à habilidades de linguagem que focam na empatia e eficácia das relações, com parceria e cooperação. Diferentemente do que o senso comum diz, a CNV não é ser passiva

ou sempre amorosa e tampouco fugir de conflitos, mas compreender e expressar nossas necessidades de maneira clara e objetiva, assumindo a responsabilidade por nossos sentimentos.

Há quatro componentes sugeridos para que ocorra a CNV: a observação dos fatos: de alguma ação concreta que nos afeta de maneira positiva ou negativamente, sem julgá-la; o sentimento que temos diante dessa observação; as necessidades ligadas a esse sentimento; e por último, o pedido propício para harmonizar as relações. Esses quatro passos não são uma fórmula e adaptam-se a situações, estilos e culturas.

A observação dos fatos, tida como primeiro passo, deve ser dita com clareza e honestidade para que não seja escutada como crítica e, possivelmente, ocorrer resistência. Para que haja essa singularidade, é proposto que aconteça a separação da observação com a avaliação da situação observada. Isso não significa que deve haver a renúncia de avaliar-se as situações, mas apenas distanciar o julgamento e encaixar os fatos em um tempo e contexto determinados.

Realizar o exercício de renunciar dos julgamentos aproxima a situação do real e afasta a cultura de violência baseada nas punições e recompensas por certo e errado, dado que o exposto serão apenas os fatos. Quando alguém diz: “Joana joga basquete muito mal”, está contando uma situação a partir de sua opinião. Já quando dizem: “Joana não fez nenhuma cesta em dez jogos”, há apenas o fato sem avaliação sendo dita.

A sugestão do segundo passo é a identificação e expressão dos sentimentos. Nessa etapa é notável o quanto o que é ensinado afeta o desenvolvimento da inteligência emocional, faltando vocabulário para representar o que é sentido e sobrando vocabulário para rotular e culpabilizar outras pessoas. É tão realçada a obediência que deve haver pelas posições de hierarquia que se torna comum sempre estar atento ao julgamento dos outros mas, nunca a si mesmo. O fato de nas escolas, por exemplo, os professores nunca perguntarem aos seus alunos como eles se sentem e o aluno não ser orientado também ou perguntem ao professor como ele se sente, transpõe os sentimentos para um lugar de ‘escanteio’ que não recebe atenção com frequência para dar lugar a regras que devem ser aprendidas e obedecidas acima de tudo.

A terceira etapa sugerida é o reconhecimento de necessidades nossas que são atendidas ou não. Quando há o foco no que cada pessoa precisa, as chances

de todos saírem satisfeitos aumentam. Fomos constantemente ensinados a observar o que há de errado no outro ou em nós mesmos mas não para as necessidades que queremos satisfazer. As atitudes e os dizeres dos outros podem ser estímulos para nossos sentimentos, mas a causa estará sempre em necessidades satisfeitas ou não.

Para a última etapa do processo, denominada como “o pedido para enriquecer nossa vida”, é recomendável o uso da linguagem positiva que expressa o que queremos e não o que não queremos, e realizar a solicitação em forma de ação concreta para os outros acreditarem que possam mesmo realizá-las. É importante que a frase não seja vaga, abstrata ou ambígua.

A prática dessa técnica de comunicação tem ajudado em relações afetivas, familiares, políticas e sociais há mais de 30 anos. Por recorrer a auto-observação, a Comunicação Não-Violenta estimula o desenvolvimento da inteligência emocional, a qual incita o propósito de reconhecer nossas emoções e a dos outros e aprender a lidar com elas de maneira sensata.

Potencializar a tolerância nas crianças afeta de maneira positiva elas e quem as cerca, ajudando colegas e família a também repensarem atitudes que não transparecem compreensão para consigo mesmo e com o próximo.

A definição de Comunicação Não-Violenta(CNV) nos diz que ela:

... é baseada nos princípios da não-violência - o estado natural de compaixão quando a não-violência está presente no coração.

CNV começa por assumir que somos todos compassivos por natureza e que estratégias violentas - se verbais ou físicas - são aprendidas ensinadas e apoiadas pela cultura dominante.

CNV também assume que todos compartilham o mesmo, necessidades humanas básicas, e que cada uma de nossas ações são uma estratégia para atender a uma ou mais dessas necessidades.

## Capítulo 3. ANÁLISE DOS RELATOS

### 3.1. RELAÇÃO ENTRE ALUNOS

Durante o início do ano de 2017 entrevistei algumas colegas do curso de Pedagogia, para ouvir relatos sobre violências verbais presenciadas dentro de sala de aula, durante os estágios supervisionados exigidos pela graduação. Neste capítulo serão apresentados os relatos em que foram presenciadas violências praticadas entre alunos e nos espaços de sala de aula. Nos casos citados vemos que eles não sabem comunicar-se de maneira civilizada e aceita, em situações básicas e rotineiras, utilizando banalmente uma linguagem hostil.

AE1 contou que todas as vezes que entrava na sala do 4º ano do Ensino Fundamental, com crianças de 9 a 10 anos, para realizar seu estágio em uma escola municipal localizada em Bayeux, município da Paraíba, escutava dos alunos diversos xingamentos usados em discussões ou, até mesmo, como forma de chamar e referir-se à colegas de maneira usual e indiscriminada, além do arremesso de objetos como lápis, borrachas e até cadeiras uns nos outros. Foi relatado um caso que um aluno foi retirado de sala por mau comportamento e todos os seus colegas o xingaram, quase o linchando na sala. O estágio de AE1 durou um mês, fazendo visitas à escola de segunda à sexta, durante esse período.

A primeira parte do processo de Comunicação Não Violenta estimula a separação da observação de alguma situação e da avaliação da mesma. O segundo passo motiva a expressão de como nos sentimos em relação a esse fato observado. Para conseguirmos expressar os sentimentos com clareza, é necessário que reconheçamos que sentimentos são esses que experimentamos, e essa tarefa, com a ausência de estímulo e orientação, torna-se difícil.

Os sentimentos, principalmente na cultura ocidental, não são vistos como relevantes, sendo assim sempre escanteados e reprimidos. O desconhecimento sobre tais sentimentos que nos habitam levam à confusões e à frustração que, na maioria das vezes, acabam sendo expressados de maneira violenta e descontrolada.

É ensinado desde cedo o foco no que as pessoas que nos rodeiam vão pensar ou dizer sobre nossas atitudes e, isso rompe o contato para com nossas emoções. Em exercícios práticos da CNV, observa-se, inclusive, a falta de vocabulário para definir essas emoções.

AE2 trouxe relatos parecidos com AE1. Em um estágio feito também com crianças de 9 à 10 anos, do 4º ano do ensino fundamental, em uma escola estadual localizada no centro de João Pessoa, os alunos reportavam-se uns aos outros com nomes vulgares, sendo todos agredidos e agredindo rotineiramente uns aos outros sem nenhum pretexto. O tempo do estágio foi de um mês, realizando-se visita apenas uma vez na semana. Ressalvo que, AE2 também apresentou dificuldades em fornecer maiores detalhes por ter realizado o estágio no ano de 2015, há dois anos e, por isso não se lembrava bem de exemplos.

O nosso vocabulário para rotular pessoas e situações costuma ser maior do que o que temos para descrever com clareza o que sentimos. Esse escasso acervo de palavras para definir emoções influencia na omissão da externalização de estados emocionais e na predisposição de julgamentos e consequente falta de entendimento em atitudes alheias. Perder a conexão com as emoções por atentar-se aos outros logo na infância é cruel e reversível apenas com muita disciplina e sofrimento.

Quanto mais cedo for praticada a compaixão, mais profunda será a concentração no valor dos sentimentos, sejam eles dos outros ou da própria pessoa. Quanto maior a responsabilidade emocional, menor a incidência de ferir alguém com palavras ou atitudes. O reflexo dessa responsabilidade emocional ou da falta dela pode afetar todo o entorno do indivíduo.

AE3, quando estagiou com crianças do ciclo II do ensino fundamental, relatou uma história de roubo presenciada em uma sala de aula de uma escola municipal do bairro Valentina. Um dos alunos pegou dinheiro do outro sem permissão e, desencadeou-se uma briga envolvendo diversos xingamentos entre esses alunos, direcionados à professora que tentava resolver o caso antes de se agravar e, para a diretora que chegou depois, com o mesmo objetivo. A situação só foi resolvida com a ameaça de suspensão dos alunos, por parte da diretora.

O tempo destinado à pesquisa de campo nos estágios supervisionados é curto resumindo-se a quatro horas semanais (o tempo da aula na universidade), tendo algumas semanas sem visita para compartilhamento de vivência com os colegas de curso e instruções para prosseguimento do estágio. Dado isso, há pobreza nos dados das situações que ocorrem nas escolas e de alunos que compõem essas situações. Como nesse caso que AE3 narra, de um roubo, não há

maiores informações a respeito dos alunos envolvidos, como o comportamento habitual deles e possível repetição anterior ou posterior da atitude.

Diante da narração de AE3 há a impossibilidade de conhecimento de uma possível justificativa para a atitude de roubo da criança: se foi caso de necessidade de dinheiro, de atenção ou uma maneira imoral de expressar sentimentos. O estudo teórico e prático da comunicação que estimula a empatia traria elementos concretos para o próprio menino reconhecer qual carência sua o levou a cometer tal ato e, ajudaria o aluno que sofreu as consequências de tal conduta a responder com maior entendimento e compaixão ao invés de continuar o ciclo de violência: “A capacidade de oferecer empatia a pessoas em situações tensas pode afastar o risco potencial de violência” (ROSENBERG, 2003, p 164 ).

AE4 realizou três dos estágios supervisionados na mesma escola, conseguindo mais abertura dos professores e da gestão para maiores informações, além de estar presente na escola por mais tempo, podendo trazer mais detalhes no relato de caso.

Na exposição da violência de aluno para com outro aluno, AE4 relatou que um aluno, do sexo masculino, das séries iniciais do ensino fundamental, agredia verbalmente as colegas de sala do sexo feminino, sempre que era contrariado ou ficava irritado com alguma delas. Com investigação da professora e suporte da escola, descobriram que a mãe desse educando era constantemente agredida por seu marido e a criança presenciava esses atos, repetindo as cenas e o comportamento com os seus aproximados. Ao solicitarem o acompanhamento de um psicólogo para a criança, a mãe negou-se, mostrando-se envergonhada da situação e com receio de que tudo se agravasse com a “exposição” dos fatos.

A violência na escola está nitidamente articulada às relações de gênero. Na faixa etária atendida pelas escolas de ensino fundamental e médio, é fato que os meninos e os rapazes são, quase na totalidade absoluta, os agentes de violência na escola (WAISELFIZ, 2004). Pode-se, então, afirmar um construção da masculinidade como predominantemente violenta.

Assim, entendo fazer-se urgente a definição de novos padrões de masculinidade apoiados em atributos e valores não-violentos. O envolvimento da escola no entendimento e a adoção de práticas pedagógicas que considerem a violência no manejo dos conflitos (componentes de muitas culturas

juvenis masculinas) é indispensável à formação de novos estilos de masculinidade não-violentos e equânimes em relação ao feminino e às minorias sexuais (ANDRADE, 2004, p.28).

Vemos no caso que AE4 relatou a grande influência que a rotina violenta, ou violência sistêmica, têm nos comportamentos pessoais. A violência doméstica, tão recorrente no Brasil, reforça o comportamento machista que exclui e reprime de diversas maneiras as mulheres. A educação vem como poderosa fonte de mudança para tais condutas e violências.

Ferir o outro de maneira física, verbal, psicológica ou qualquer outro modo, são maneiras superficiais de expressar o que, na verdade, está acontecendo dentro de nós e agredindo a nós mesmos. Ao contrário do que pode parecer, o processo de Marshall não instiga a ignorar, sufocar ou engolir a raiva, mas entender e manifestar a essência desse sentimento.

Para identificar de forma clara e específica o nosso estado emocional, é primordial que seja desenvolvido um amplo vocabulário para identificação de sentimentos. Como a metodologia da Comunicação Não-Violenta é dividida em etapas que se interligam, a nomeação dos sentimentos, que é enumerada como o segundo passo, tanto auxilia quanto é auxiliada pelo passo de número um, da observação dos fatos sem julgamentos. Ao expormos o fato junto com a nossa avaliação sobre o mesmo, há uma grande tendência das pessoas receberem essa fala como crítica e criar em resistência à situação. Quando há o sentimento real da escuta, há uma potência em aliviar e renovar o olhar para situações aparentemente insolúveis.

É possível notar, nos relatos expostos acima, o distanciamento por parte dos estudantes em relação à consciência de suas emoções e as respectivas necessidades que isso causa, tornando-os agressivos uns com os outros.

### 3.2. RELAÇÃO DO ALUNO PARA COM O PROFESSOR

Pode-se notar que a violência externada não se direciona a uma pessoa ou atitude específica, mas estende-se a quem estiver no entorno. Nesta seção são citados alguns dos casos expostos na seção anterior, na qual alunos ofendem outros alunos, porém aqui as violências se expandem as professoras da sala.

No relato que AE1 trouxe no qual alunos xingavam-se de maneira usual e indiscriminada, também foi presenciado objetos como lápis grafite serem jogados na professora que encontrava-se de costas para sala escrevendo no quadro e, quando queixou-se também foi xingada, sendo desmoralizada.

Como já foi descrito anteriormente, a maneira como a raiva é externalizada nesse casos, na visão do autor de Comunicação Não-Violenta, é superficial e não a essência desse sentimento. Para chegar-se a essa essência, é recomendado descobrir a necessidade dentro de nós não atendida.

O comportamento do outro pode ser considerado um estímulo à nossa raiva, mas jamais ser a causa. No livro é usado um exemplo simples e bem claro sobre:

... se alguém chega atrasado para um compromisso e precisamos saber que a pessoa se importa conosco, podemos nos sentir magoados. Se, em vez disso, nossa necessidade é passar o tempo de forma útil e construtiva, podemos nos sentir frustrados. Mas se, por outro lado, precisamos mesmo é de meia hora de solidão e calma, podemos nos sentir gratos pela atraso da pessoa e ficar satisfeitos com isso. Assim, não é o comportamento das outras pessoas, e sim nossas próprias necessidades que causam nossos sentimentos (ROSENBERG, 2003, p 200).

Nos quadros relatados nesse capítulo vemos claramente que o aborrecimento não está no colega ou na professora, mas sim nas necessidades não atendidas das crianças, consideradas violentas. Se a adversidade se encontrasse na professora ou no colega, as agressões seriam direcionadas e não generalizadas e avulsas.

AE3 expôs uma situação de roubo em sala de aula, com xingamentos entre os alunos envolvidos, à professora e à diretora. AE3 relatou que, assim como nas narrativas de suas colegas de curso, os xingamentos e agressões sucediam-se habitualmente e a professora, nesse caso sem suporte da coordenação ou direção, receava qualquer tipo de intervenção para contê-los.

É visível que a causa da indignação não é a professora, suas falas ou seu trabalho e sim o que acontece interiormente no aluno. A irritação disseminada e as ofensas estendidas a qualquer um que tentasse uma intervenção mostram que a situação era uma expressão alienada das necessidades e valores do menino.

Qualquer um, ao ouvir uma crítica, tende a investir na energia de autodefesa ou contra-ataque. Revelar as necessidades envolve um mergulho e entendimento profundo do que acontece e já aconteceu conosco. Esse movimento não é facilitado no mundo onde somos constantemente julgados.

Há uma forte urgência em dar conselhos, encorajamentos e consolos ao invés da oferta da verdadeira empatia e escuta com a totalidade do nosso ser. Isso vale para com os outros e para com nós mesmos.

AE5 relatou um caso de um aluno desafiando e desrespeitando a professora, e comentou ser frequente essas cenas na escola em que estagiou, localizada em Mangabeira. A graduanda acredita que o entorno da escola, vizinhada de dois presídios, um semi-aberto masculino e um fechado feminino, influencia fortemente em comportamentos violentos e inadequados que são vistos como comuns por pais e professores. Um certo dia, sem controle dos alunos, a professora ameaçou chamar o inspetor da escola na sala, e um de seus alunos do 3º ano do ensino fundamental mandou ela “se lascar” e continuou atrapalhando o momento de exposição de conteúdo da aula, gritando e usando palavras aleatoriamente.

A forma como é ensinada a comunicação leva a comportamentos que ferem e julgam pessoas que não agem de acordo com nossos valores. Ao julgá-las como “más” ou “erradas”, criamos barreiras para o fluxo da compaixão na relação, o que acarreta em mais violência. No modelo de sociedade que vivemos e, conseqüentemente, no modelo de educação que aprendemos, professores e alunos são incessantemente julgados por suas atitudes. À vista disso, vemos alunos brutos reagindo com ignorância aos professores como consequência do ciclo da “comunicação alienante da vida”, ou, a comunicação que se origina e sustenta a sociedade baseada na hierarquia ou dominação.

### 3.3 RELAÇÃO PROFESSOR PARA COM ALUNO

Vimos no capítulo anterior que julgamentos e críticas geram energias defensivas e resultados violentos. O quarto e último passo da Comunicação Não-Violenta é o pedido que enriquecerá a vida, ou seja, depois de observar sem julgamentos a situação que causa incômodo, identificar os sentimentos que essa situação provoca e quais necessidades que não estão sendo atendidas que despertam esses sentimentos: podemos fazer um pedido para, então, atender a essas necessidades e harmonizar a situação.

No livro de Marshall há alguns métodos sugeridos para que esse pedido seja correspondido compassivamente e para que o ouvinte do pedido esteja mais disposto a satisfazê-lo. Utilizar de uma linguagem positiva, evitar frases vagas, abstratas ou ambíguas e formular solicitações em forma de ação concreta são algumas das estratégias sugeridas.

Neste capítulo serão expostos casos em que estudantes presenciaram algum tipo de violência verbal partindo da professora para algum aluno. Como o de AE6, quando estagiou em uma escola municipal do bairro Cristo em João Pessoa - PB, na área de aprofundamento de sua escolha, a educação especial. A graduanda acompanhava uma sala que um dos alunos possuía autismo. A professora sem paciência ou estrutura para lidar com as diferenças da criança, sempre gritava para falar com ele e chamava-o de louco, minimizando suas diferentes e, particularmente admiráveis, características.

Não é possível julgar a causa que levou essa professora a agir de tal maneira, porém é notável a falha na comunicação e, nesse caso, na maneira de pedir o que ela deseja para sua aula. Não tratarei de necessidades educativas especiais para crianças que possuem o Transtorno de Espectro Autista, porém há a ressalva da peculiaridade e tamanha sensibilidade delas. Ainda, acredito que a professora, ao utilizar-se de métodos para fazer pedidos mais claros para atender suas necessidades, sejam elas de ordem na sala, organização ou melhor escuta para aprendizado, seria melhor compreendida.

Mais uma vez, caímos na importância de reconhecer os próprios sentimentos e necessidades. Solicitar algo, sem estarem explícitos os sentimentos e necessidades por parte de quem pede, soa como exigência. Os ouvintes,

principalmente alunos ouvindo pedidos de professores, provavelmente acreditarão que serão culpados ou punidos se não atenderem a essas solicitações, isto é, essas imposições. Ao receberem a solicitação dessa maneira, os alunos enxergam duas opções: submissão ou rebelião.

AE4, em sua trajetória de estágios obrigatórios, presenciou violência verbal de todos os lados, aluno para com outro aluno, aluno para com o professor e professor para com o aluno. O caso de professor com aluno, foco deste capítulo, aconteceu em salas de berçário, com bebês de dois anos de idade e em salas de educação infantil, com crianças de cinco anos de idade. No primeiro relato, a professora demonstrava-se impaciente e as crianças refletiam o seu temperamento, gritando e chorando. Ela respondia cada vez mais gritando e as ameaçando, caso não parassem, tornando a incompreensão e a violência um ciclo.

Com as crianças um pouco mais velhas e, conseqüentemente mais agitadas, a professora agia à base de rispidez e de grito e estigmatizava o comportamento das crianças pela condição dos pais delas, sendo a maioria presidiários, não demonstrando alternativa ou oportunidade para eles.

Por motivo de estruturas maiores, as professoras sempre estão falando: “Não faça isso” “Não seja assim” “Isso não é legal”, podendo o indivíduo e passando a mensagem de maneira negativa. Quando pedidos são elaborados no formato negativo, isto é, quando pede-se o que não quer que o outro faça no lugar de pedir o que realmente se quer que aconteça, os ouvintes do pedido tendem a ficar confusos quanto ao que realmente está sendo solicitado. Além, da forma negativa provocar mais resistência.

Há uma canção infantil de Ruth Bebermeyer, que diz: “Tudo o que sei é que sinto ‘Não vou’ quando me dizem ‘Não faça’”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos relatos de cenas presenciadas em sala de aula, podemos perceber que a Cultura da Violência é algo real e que acarreta em diversas consequências em todos os envolvidos. O dia-a-dia dos profissionais que trabalham em escolas e a formação passada para os jovens, apenas estimulam a comunicação que não gera empatia e reforçam o ciclo violento das sociedades atuais.

A partir do que muitas pesquisas nacionais e internacionais vêm indicando (DEBARBIEUX & BLAYA, 2002; ABRAMOVAY & RUA, 2002), a violência na escola vem crescendo e intimida educadores e educadoras, que se sentem muitas vezes impotentes ou descrentes nas possibilidades pedagógicas de intervenção. Na base desse processo, há representações da violência que a naturalizam ou banalizam, reforçando idéias segundo as quais a violência é inevitável porque inerente às raízes biopsíquicas humanas (ANDRADE, 2004, p.1).

Pode-se avaliar a técnica da Comunicação Não Violenta como forte geradora de expectativa na grande mudança necessária em ambientes escolares. Sendo ela uma notável aliada da Cultura da Paz, traz uma solução possível para resolução de tantos conflitos, que terminam por dificultar ainda mais o aprendizado dos alunos e a execução do trabalho dos educadores.

Marshall Rosenberg, autor do livro e criador da técnica de Comunicação Não Violenta, desenvolveu seu método a partir de providências arbitrárias e treinamentos em técnicas comunicativas, no início dos anos sessenta, quando começou a trabalhar como orientador educacional em escolas e universidades dos Estados Unidos, as quais, na época em equilíbrio com o movimento dos direitos civis americanos, trabalhavam no abandono da segregação racial. Nota-se a conexão da metodologia comunicativa com a esfera escolar.

As entrevistas realizadas com as graduandas do curso de Pedagogia enriqueceram o trabalho, trazendo fortes exemplos de como é o cotidiano nas escolas. Os relatos, acompanhados sempre com comentários de desgosto e de falta de esperança para a futura profissão, trouxeram o peso da necessária e imediata mudança que deve ser incentivada no espaço escolar.

O estudo do livro “Comunicação Não Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais” acendeu uma luz no campo de possibilidades para transmutar a Cultura da Violência dominante em sala de aula. Há, no livro, diversas partilhas de vivências que o autor usa para exemplificar sua técnica. Em todos os capítulos há relatos de situações nas quais a Comunicação não violenta foi usada e teve o efeito esperado. Há, inclusive, diversos relatos de casos que aconteceram com o próprio autor enquanto ministrava palestras sobre sua técnica e, fizeram-o repensar e aplicá-la para evitar ou resolver conflitos inesperados. Todas essas referências ajudam a visualizar melhor as soluções para os conflitos trazidos dos estágios, além de validarem ainda mais a teoria.

Dada a importância do assunto, torna-se necessário o desenvolvimento de formas de passar essa, e talvez outras técnicas, como formação para os profissionais dos ambientes escolares, transformando seus métodos comunicativos e oferecendo alternativas para as hostilidades, tão presentes em suas rotinas.

## REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Fernando. **Violência na escola, uma questão de gênero**: o que percebem professores e professoras? Revista Artemis, vol.1, dez. 2004, p 27-36. Disponível em: <[periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/download/2356/2090](http://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/download/2356/2090)> Acesso em: 19 nov, 2017.

CANAL CIÊNCIAS CRIMINAIS. **A cultura da violência**. 2016. Disponível em: <<https://canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br/artigos/347250530/a-cultura-da-violencia>> Acesso em: 07 jul, 2017.

FREUD, SIGMUND. **O mal estar na civilização** / Sigmund Freud; [tradução Paulo César de Souza]. - 1ª ed. - São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

MATTOS, FREDERICO. **Comunicação Não Violenta**: o que é e como praticar. 2013. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/comunicacao-nao-violenta-o-que-e-e-como-praticar/>> Acesso em: 03 out, 2017.

RASPANTI, MÁRCIA P. Brasil: **uma cultura da violência?** 2015. Disponível em: <<http://historiahoje.com/brasil-uma-cultura-da-violencia/>> Acesso em: 07 jul, 2017.

ROSENBERG, MARSHALL B. **Comunicação Não Violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais / Marshall B. Rosenberg; [tradução Mário Vilela]. - 1ª ed. - São Paulo: Ágora, 2006.

ROSENBERG, MARSHALL B. **Comunicação Não Violenta**. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AbQTnHirOnw&list=PLA863LmWZSSyBNYbTWtJqLhL1jeQcVqdk>> Acesso em: 11 jul, 2017.

# APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA COM AS ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA  
ALUNA: MARIANA LIE OSHIRO SOARES

## ENTREVISTA - RELATOS DE VIOLÊNCIA VERBAL NOS ESTÁGIOS

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Período que está cursando: \_\_\_\_\_

Período e ano que o estágio foi realizado: \_\_\_\_\_

Sala / turma da regência: \_\_\_\_\_

Escola e bairro do estágio realizado:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Tipo de violência presenciada:

Violência de aluno para com outro aluno ( )

Violência de aluno para com professor ( )

Violência de professor para com aluno ( )

Relato de caso:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_